

## SOBRE MEDO, COGUMELOS E A REDUÇÃO DA MAIORIDADE PENAL

Estou aqui durante a manhã toda tentando investigar lugares dentro de mim onde a empatia é possível, depois das notícias sobre a lamentável e inconstitucional manobra da Câmara dos Deputados que aprovou a redução da maioridade penal. Então decidi olhar lá para os subterrâneos, onde estão as raízes sistêmicas que sustentam este campo social do qual todos somos parte.

Os sistemas abertos buscam homeostase, conceito que a Wikipedia define assim: “homeostase é a propriedade de um sistema aberto, especialmente dos seres vivos, de regular o seu ambiente interno de modo a manter uma condição estável mediante múltiplos ajustes de equilíbrio dinâmico, controlados por mecanismos de regulação inter-relacionados”. E este processo visa, exatamente, garantir a sobrevivência do sistema, pois se o equilíbrio não for restabelecido ele pode simplesmente ter o seu funcionamento interrompido e morrer. É bem evidente para mim que estamos passando por um momento de transição planetária. Chegamos a um ponto em que viver como temos vivido até agora se tornou insustentável. A dinâmica capitalista, que considera pessoas e natureza como recursos infinitamente renováveis a serem explorados em nome de uma ilusória “prosperidade mundial”, nos colocou na rota de destruição do planeta. Hoje, consumimos uma vez e meia mais recursos dos que os existentes para vivermos na Terra. Há projeções que dizem que o consumo será de duas Terras em 2030. Ou seja, a mudança é inevitável se quisermos sobreviver com espécies.

Porém, toda mudança implica em abrirmos mão daquilo que já está estabelecido. Implica em renunciarmos ao status quo, aos privilégios de que desfrutamos. Em romper, ao menos temporariamente, com a homeostase, para possibilitar um novo equilíbrio sistêmico.

Na semana passada, enquanto eu trabalhava no Cullerne Garden, onde são cultivados os vegetais consumidos por quem mora ou visita a Fundação Findhorn, aprendi como se cultiva cogumelos shiitake. Pedacos de troncos de árvores são furados e injetados com esporos de cogumelos, os furos são cobertos com cera de abelha e então os troncos são deixados a céu aberto, tomando chuva e sol. O fungo vai fazendo o seu trabalho na parte interna do tronco, transformando celulose em alimento e, num determinado momento, resolve brotar em cogumelos. Os japoneses, pioneiros neste tipo de cultivo, perceberam que isto tendia a acontecer com muita intensidade logo depois de uma tempestade violenta, com raios, trovões e muita chuva. A hipótese que levantaram foi de que nestas condições climáticas extremas, o fungo sente sua sobrevivência ameaçada e resolve reproduzir-se com mais rapidez do que o normal. Busca por homeostase, de novo.

Esta história faz muito sentido para mim quando penso no recrudescimento assustador do conservadorismo e no retrocesso ideológico que temos testemunhado. Vejo-os como cogumelos – frutos de algo sistêmico muito mais profundo que está com medo de morrer. Quando ouço pessoas vociferando a favor da redução da maioridade penal, contra uma suposta “ditadura gay”, atacando pessoas de religiões diferentes das suas, defendendo uma intervenção militar e louvando os benefícios da ditadura, quando leio comentários de pessoas que torcem para que um familiar das pessoas que são contra crianças serem presas seja morto por um adolescente, eu escuto medo. Quando vejo Malafaias, Datenas e outros espumando pela boca em indignação contra “bandidos”, “desocupados”, “destruidores de família” e

“macumbeiros” em telas de TV e computador, eu enxergo medo, muito medo. Medo de perder privilégios, poder, bens, e o suposto conforto que advém destas coisas. Medo da necessária transformação pela qual nós, como civilização, teremos que passar se quisermos sobreviver. Não temos tanto tempo assim: corremos o risco de extinção dentro dos próximos cinquenta anos, se a mudança não vier. É isto, na verdade, que me apavora. Por outro lado, também me motiva a não me deixar paralisar pela dor e pela desesperança. Hoje sei que posso ter companhia que me alimenta, me sustenta e me auxilia a descobrir o que eu quero, o que eu posso fazer. Ainda não tenho muita clareza do que é, mas poder sentir um botãozinho de empatia no meio de tanto sofrimento brotando aqui em mim é algo muito valioso.